



## Maria das Graças M. Ramos

Doutora em Belas Artes pela Universidad Complutense de Madrid é Professora Titular da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia.

### O CORPO COMO SUPORTE ARTÍSTICO: O HOMEM MODIFICADO

**RESUMO:** O homem contemporâneo mergulhado no mundo globalizado vem tentando a qualquer preço, modificar o que é inato, através de manipulações.... a arte dá a mão à ciência para elaborar uma arte cujo suporte é seu próprio corpo sem considerar o sofrimento, a dor. Em nome deste binômio arte-ciência, corpos inanimados ou em plena atividade vital, são tomados como laboratório, palco de espetáculo, suporte, tela ou material escultórico, passando pelo Principio da Criação, da ética, e da bioética que ainda, rege a humanidade.

O mundo tecnológico e da cibemética tem conduzido a humanidade a caminhos imensuráveis e vem principalmente dividindo opiniões a respeito de condutas de ética e bioética, de maneira desenfreada. O homem, insatisfeito com sigio mesmo e o outro, vem modificando não somente seu comportamento, mas também sua aparência. Já não somos os mesmos depois da Modernidade!

O século XX foi responsável por incriveis investigações e pesquisas. Os períodos das duas Grandes Guerras serviram para mexer com a humanidade. A dor, a angustia, o medo disseminaram a desconfiança, a instabilidade, mas também a procura de dias melhores e felizes.

Neste processo desenfreado de

mundialização, a arte vem acompanhando os passos da ciência. O homem tenta provar que pode dominar o mundo, fazer seu pedestal, desafiado ao Grande Criador. Ele vem tentado sem medidas nem conseqüências provar-se dono da vida. As experiências não medem seqüelas e vem infligindo os códigos de éticas que ainda governa o planeta.

A reprodução genética ou os métodos de reprodução assistida *en vitro* e *en vivo* são fatos consumado no reino animal. Tudo começou na proveta! Nos anos 60, surgiram os primeiros experimentos, causando polêmicas, mas esperança entre muitos. Seguiram-se transplantes de órgãos e a morte, esta velha chata e maligna, começa a ser perseguida. A morte de uns pode ser esperança de vida para outros. Há, portanto, uma transferência de parte da vida, uma troca de sentidos. Pergunta-se de forma curiosa: a alma deste ser transplantado continua sendo a mesma? Este Novo ser, portador de um novo órgão de outro que se foi, será a mesma pessoa de antes? Terá as mesmas reações de antes? Como pulsa os sentimentos de um transplantado?

Não se deve esquecer ainda, talvez do maior invento biológico de nossos dias, a clonagem, já ocorrida em animais, vem causando tremenda polemica para ser

legalizada entre os seres humanos. O assunto vem mexendo com todas as questões existenciais da sociedade.

Preservação da vida, narcisismo ou luta contra a velhice e a morte? Morro, mas continua um pedaço de mim. Um pedaço de mim que vive no outro, que talvez seja eu mesmo. Uma busca da outra metade, o outro eu perdido em “tu”. Fernando Pessoa é um dos poetas que melhor revelou os outros eus através dos heterônimos. Ou através de elucubrações filosóficas.”... Eu sonho e por detrás de minha atenção sonho comigo alguém. E talvez eu não seja senão um sonho desse alguém que não existe”<sup>(1)</sup>. O sonho do qual se refere o poeta não seria o desejo de ser o outro, por não estar satisfeito consigo mesmo? Ou busca de uma identidade perdida como a poetiza Joaquina Lacerda Leite (2002)<sup>(2)</sup>, quando diz que:

*“Dentro de mim moram duas  
Quando uma acorda, a outra dorme.  
Dentro de mim moram duas.  
Me fazendo mais eclética.  
Não é fácil, não é mole,  
Ser cavalo de duas mulheres.*

*Uma é alegre, a outra é triste;  
Uma é feliz, a outra sofre;  
Uma é vida, a outra é morte.  
Uma é extrovertida, e a outra é tímida;  
Uma é criativa, a outra nada cria;  
Uma me excita, a outra me entedia.*

*Uma é curiosa, a outra apática;  
Uma é solidária, a outra é individualista;  
Uma é sonhadora, a outra é pessimista.  
Uma é corajosa, a outra é insegura;  
Uma é atraente, a outra é calada;  
Uma vive cercada de amigos, a outra vive isolada.*

*Uma diz sim, a outra diz não;  
Uma quer mudar o mundo,  
a outra diz: “você é boba”!  
Uma sou eu, a outra... é a outra.*

Tais palavras Leite e Pessoa enveredados na floresta do alheamento devaneios

sobre a espiritualidade “*E assim como ela era duas – de realidade que era, e ilusão – assim éramos nós obscuramente dois, nenhum de nós sabendo bem se o outro não era ele-próprio se o incerto outro vivera...*”<sup>(3)</sup>

A busca do outro, ou melhor, o outro que convive dentro de nós, é uma característica do ser humano por nunca estamos satisfeitos. O mais importante é identificar a personalidade dual que nos persegue para continuarmos com esta luta cotidiana ou modificar-nos.

Tive a oportunidade de assistir um programa na TV, sobre transplante e fiquei impressionada com o depoimento de um senhor, que já havia trocado de fígado, um dos rins, e o coração. E sorrindo disse se precisasse, trocaria outros órgãos. Fiquei a pensar, como se pode carregar três ou quatro porções de pessoas diferentes, como deve ser o comportamento deste sujeito. Este é ou não um homem modificado? Objeto de manipulações cirúrgicas ele perde sua identidade original e desta forma o indivíduo é abalado.

Não somente o interior do homem é cambiado, mas principalmente sua aparência, numa luta terrível contra a velha morte: Eu posso, eu mereço, eu devo! Em poucas horas a pele é esticada, são introduzidas doses de líquidos “mágicos”; botox, silicone, fios de ouro, nylon, etc. além de cremes e ácidos, O homem, a mulher de hoje são outros! Aos setenta anos se apresentam como 30! Pinta-se os cabelos, faz-se implantes, troca-se de dentes, costura-se daqui, costura-se dali, e procura-se o homem anterior, e ele está perdido dentro de si mesmo! Escondido dentro de uma “fina” capa de maquiagem, que lhe custa muito caro. Preço de sua própria vida. Isto mesmo. Muitos sucumbem precipitadamente em busca de uma nova aparência, muitas vezes uma terrível experiência, preço do desejo de superar-se.

Mas do que se pretende falar é do homem como suporte artístico, objeto de



arte contemporânea, ou mumificado quer dizer plastinado, cirurgiado - O homem modificado.

A arte sempre esteve a serviço do homem, os primitivos, através de desenhos nas paredes das cavernas nos informaram como caçavam e como podiam dominar outros animais, Os egípcios e os gregos deixaram um verdadeiro legado de conhecimentos tanto ao nível da ciência quanto da arte.

Os primitivos, e indígenas até nossos dias utilizam seus corpos como suporte pictórico.(Figura 1-2). Empregam diferentes tipos de pigmentos para decorarem, cumprindo a obrigação de certos rituais para comemorar ou celebrar dias festivos ou sagrados. Tratando-se ainda de decoração corporal, principalmente a juventude de nossos dias, vem utilizando a tatuagem como forma de embelezamento, uns chegam a tatuar todo o corpo. Mudando sua aparência dissimulando-se, aparentando um outro ser, fingindo pele de animais são simulacros de si mesmo. O corpo é neste caso, suporte pictórico .

Alguns povos da África negra fazem incisões ou cortes em seus corpos principalmente sobre o rosto, e braços para definirem suas tribos. Desenhos ou cicatrizes que deixam a pele em relevo e são indelévels.

Poder-se-ia denominá-los de Body-art? Calderon (1993) diz que *"A arte moderna há construído uma nova realidade, que já não é a verdadeira realidade, tem dado um salto ao conhecimento humano, que está mais em contato com a ciência. Novos caminhos se abrem, arte e ciência dão as mãos e muitos mistérios são desvendados."*<sup>(4)</sup>

A arte contemporânea traz consigo uma série de manifestações surpreendentes. Da *"utilização do corpo na body art sua incidência na desestabilização do objeto artístico tradicional, como também uma compreensão do corpo (da imagem do corpo) como um território representacional por excelência"*<sup>(5)</sup>

<sup>5)</sup>, as marcas corporais de Yves kline , Ana Mendieta e de Sterlac. Neste caso a arte deixa de ser objeto de contemplação passiva



Figura 1 - Cultura africana  
Fonte: FISHER A., 2000.

*Body tattooing on a woman from the Ethiopian highlands. nineteenth century.*



Figura 2 - Cultura Etiópia  
Fonte: FISHER A., 2000.

convertendo-se em objeto de arte ativo, ambulante. O homem é o próprio objeto artístico. O corpo se transmuta em objeto manipulável e a dor já não existe e tão pouco é limite para tais manipulações (Figura 3-4).

Mesmo depois de morto já não ficamos em paz. Já não necessitamos ser necessariamente estrume para alimentar outros reinos ou seres, podemos ser conservados em



Figura 3 - Ana Mendieta.  
Fonte: RUIDO, 2002



Figura 4 - Sterlac. *Acción para una suspensión lateral*, 1978, Tamura Gallery, Tóquio.

câmaras frigoríficas ou mumificados como os faraós, com técnicas mais avançadas, resinados e plastinados. Nosso corpo, mesmo sem ânima, serve também de suporte artístico. Pois não estão nos museus as múmias do Egito? Somos agora suporte para novas poéticas tecnológicas.

“O corpo como cenário do rito sacrificial” Mendieta <sup>(6)</sup>, vem acompanhando a história do homem. Feito por outrem ou por ele mesmo. O corpo é espaço de resistência e desmistificação.

Uma das novidades de nossos dias é a obra do mais polêmico médico e anatomista alemão, Gunther Von Hagens, que vem exibindo em museus ou lugares públicos de diversas partes do mundo corpos dissecados e plastinados, que para alguns escritores e críticos não passam de peças mórbidas e para outros, verdadeiras obras de arte. O artista ou anatomista von Hagens, começa sua aventura em 1997, onde substituiu os líquidos do corpo por resinas e silicones, preservando quase que totalmente a aparência dos tecidos de corpos tanto do homem quanto de outros animais; a exemplo de cavalos e macacos que vem despertando no público grandes polemicas: “São ou não são obras de arte? Devem ou não ocupar os museus?”. O corpo sempre foi objeto de inspiração do homem, em todas as épocas ele foi cultuado e transmutado. Agora não passamos de imagens reinventadas, somos imagens dialéticas: O que fomos o que passamos ser?

De que se assustam os críticos?

Leonardo Da Vinci foi o grande artista e anatomista que mais revolucionou a História. Projetou máquinas que somente séculos depois foram realizadas e dissecou cadáveres, dando início a revolução biotecnológica.

Em pleno Barroco Europeu, Rembrandt, pintou a famigerada tela “Lição de anatomia” de Dr. Tulpi (1632) <sup>(7)</sup> e “Lição de anatomia” de Dr. Joan Deyman (1656) <sup>(8)</sup> em Amsterdam. Também o mesmo artista em 1655 pintou “O boi esfolado”, acervo do Museu do Louvre em Paris (Será que para a



época não foram obras tão impressionantes quanto às de von Hagens, hoje? Certamente o médico e “artista” alemão Von Hagens, está desmistificando o corpo material em detrimento à essência da alma e do espírito. Já que depois da morte, a matéria desvencilha-se do espírito, e não tem nenhuma função a não ser contribuir com ciclo natural da vida, de ser transformada em outra condição de matéria. (Figura 5-6).

Talvez o médico-artista queira contribuir com uma outra questão da preservação das espécies, e mostrar para o homem do futuro como éramos. De maneira inédita e criativa; mostrando-nos homens e mulheres desportistas, ativos e dominadores de nós mesmos e da própria natureza. Uma preocupação tão antiga quanto de nossa



Figura 5 - Rembrandt Lições de anatomia do Dr. Tulpi, 1632

Fonte: MÜNZ, 1970.



Figura 6 - Gubthier von Hagens  
Imagens da autópsia pública em Londres em 2002  
Fonte: COELHO, 2004, p.84.

própria história, desde as cavernas até o presente momento. Sem considerar o avanço tecnológico, que diferença há entre o homem embalsamado do Egito e os de Dr. Gunther von Hagens da Alemanha?

Particularmente não vejo nenhum enigma do médico e anatomista querer se travestir de Joseph Bois, usando o mesmo tipo de colete e chapéu do famoso artista também alemão, quantos utilizaram outros recursos para imitar, ou fazer releituras de outros artistas? O grande Picasso inspirou-se, por exemplo, em Goia, Velasquez etc., no entanto é considerado o maior artista da história. Médico, ou artista, von Hagens vem desenvolvendo mais uma técnica de expressão entre a arte e a ciência, como fez Leonardo ou Rembrandt.

A questão do corpo é questão de moda, cada época se apresenta de forma distinta e cada vez mais vem se convertendo em uma espécie de laboratório. Eu posso fazer meu projeto de mulher ideal. A outra de meus sonhos ou de meu parceiro. De um dia para outro posso mudar de idade de 50 para 30. O ideal de beleza é ditado pelas grifes, ou renomadas instituições de beleza. No entanto não se pode negar a beleza do feio, até mesmo uma ode ao horror e ao escárnio. O artista inglês Francis Bacon<sup>(9)</sup> mostra em suas obras o horror e escárnio do homem. (Figura 7). Suas obras causam pavor, são monstros torturados pela vida. Mostra uma realidade que não gostamos de admirar.

São menos pavorosas do que as peças anatômicas de Hagens? Que diferença faz entre o plano e o volume, não são simplesmente formas de representação? As máscaras são representações do estado anímico do ser, servem para meter medo, fazer graça, disfarçar a realidade, ou esconderijo efêmero verdadeiros disfarces como as do carnaval de Veneza.

A arte contemporânea tem levado o indivíduo a incríveis experiências, onde o



Figura 7 - Francis Bacon  
Fonte: Galeria Marlborough, 1993

corpo e seu limite entram como linguagem. A artista plástica Orlan Frankenstein, a partir de 1968 toma seu próprio corpo como metáforas. Através performance se transverte em santas e virgens, ou se penteia como noiva de Frankenstein. “(...) alude a essa antiga aspiração blasfematória do científico (um duble escondido da artista neste caso) de medir suas forças mesmo com Deus. O criador, situado ao final em um plano de igualdade com o supremo fazedor”<sup>(8,10)</sup>. Desde finais dos anos noventa, a artista, também vem trabalhando em auto-retratos híbridos mesclando com técnicas infográficas seu próprio rosto com esculturas originárias de outras culturas.

São fotografias de resultados muito brilhantes e sempre tem algo de seus traços, fundindo o rosto humano com uma obra de arte, ou seja, o carnal e o inanimado. “O carnal e o inanimado em uma entidade visual indissolúvel. Orlan executa de maneira virtual o que não é

possível fazer ainda em âmbito orgânico real”. Ela declara que: “meu trabalho está em luta contra o inato, o inexorável, o programado, a natureza, o DNA e também: Se trata, para mim, de empurrar a arte e a vida até o extremo”

Uma nova expressão demanda sempre novas formas de classificação, prevenção e novos modos de apreciação crítica. O importante é fazer mudar a forma de pensar integrando a cultura como um todo, mesmo porque já não se pode separar a arte da ciência. No entanto não podemos deixar de considerar os princípios que sustentam e distingue o homem de outros animais. Modificar o ser humano requer dar vira-voltas ao processo natural da criação e da criatura. Manipular-nos significa desviar o curso da humanidade.



Figura 8 - Orlan. Autohibridação núm.1998  
Fonte: RAMÍREZ, 2003. p.325

Entretanto já estamos inseridos neste processo. E o que nos interessa de fato é essa abordagem da arte atual, inclusive da modificação genética, o que vêm desenvolvendo alguns artistas, a exemplo de Orlan



são experiências autobiográficas numa relação de arte contemporânea com outras áreas profissionais, por exemplo, da medicina, quando submete seu corpo a cirurgias plásticas o que a torna menos presa às Belas artes e mais integrada à cultura e à tecnologia como um todo.

Mudar a realidade biológica mediante operações de cirurgias estética que deixam o corpo da paciente-artista uma MODIFICAÇÃO permanente e talvez irreversível. O corpo funciona como um suporte ou base, uma espécie de tela metafórica, onde a obra será projetada ou desenvolvida. Em 30 de



*Figura 9 - Orlan. Fotografia com los bultos em sienes, 1996.*

*Fonte: RAMÍREZ, 2003. p.329*

maio de 1990 artista submeteu-se à intervenção cirúrgica pela primeira vez para uma autohibridação e daí por diante seguiram-se uma série de outras. Chegou a ponto de tomar seu próprio corpo como suporte escultórico, tornando-se uma mulher híbrida. Ainda que o aspecto monstruoso fora evidente. Não quis se espelhar em Mona Lisa ou outras de padrão da tradicional beleza da história, pelo contrário desmistificava-o. Além das cirurgias, ela fez, com as gorduras extraídas pelos médicos, relicários envolvidos com resina,

Orlan é a digna herdeira de uma rica tradição artística de corpos (construídos) ou modificados mediante enxertos mais ou menos imaginários: as grandes obras de Marcel Duchap (o grande vidro e *Étan donnés*), os manequins surrealistas, como os que elaboraram em 1938, para a Exposição Internacional do Surrealismo e alguns dos manequins de Jean Tinguely subyacem, ainda que seja inconscientemente, detrás de seu trabalho. O corpo desta artista tende a multiplicar-se em uma indefinida reencarnação. (RAMÍREZ, 2003, p.316)

Corpos dissecados como os de Rembrandt ou tortuosos como os de Francis Bacon, Pintados como os de Yves Klein, (manifestação da body-art), remodelados, plastilizados e resinados como os de von Hagens, cirurgiado como de Orlan, todos estes procedimentos artísticos que de uma forma ou de outra vem conduzindo a humanidade a pensar em novos conceitos onde as ciências dão as mãos às artes não só na busca de dias melhores, mas, também correndo perigo de desarticular a humanidade e os conceitos de ética da nossa sociedade.

## Notas

<sup>1</sup> Profª Maria das Graças M Ramos, Doutora em Belas Artes pela Universidad Complutense de Madrid é Professora Titular da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia.

## Referências

- (1) PESSOA, F. O eu profundo e os outros eus. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.108.
- (2) LEITE, J. L. Poetas da Bahia II. Eunápolis, 2002. p.93.
- (3) PESSOA, F. op. cit. p.111.
- (4) CALDERON, M. Antoni Tàpies contra el talismo. ABC Cultural, Madrid, n. 84, p.37, jun., 1993.
- (5) Ramírez, J.A. Corpus solus. Madrid: Siruela, 2003. p.324-329.
- (6) Ruído, M. Arte hoy - Ana Mendieta. Barcelona: Nerea, 2002. p.13.
- (7) MÜNZ, L. Rembrant. Bracelona: Labor, 1970.
- (8) COELHO, T. Os homens objetos: Von Hagens ignora o caráter subjetivo da arte. Bravo, v.7, n.78, p.85, mar., 2004.
- (9) FRANCIS BACON. Pinturas 1981-1991; paintings 1981-199. Malborough: Galeria Marlborough, 1993.
- (10) RAMÍREZ, J.A. op. cit. p. 324.